



O epicurista austero



José Miguel Pinto dos Santos
Professor da AESE – Escola de Direcção e Negócios

Austeridade é uma virtude que dá sabor à vida e encanto ao consumo. Um epicurista austero, sabendo apreciar a escassez e o gozar a abundância é a pessoa melhor equipada para desfrutar intensamente a vida enquanto a tem e viver a morte quando ela chegar.

Infelizmente, quando se fala de austeridade não é a esta virtude privada que as pessoas se referem. É ao vício público. Depois de anos e anos de despesismo estatal acima dos recursos disponíveis, e sem vantagens palpáveis para o desenvolvimento da nação ou do bem-estar da população, o Governo tem de tentar reequilibrar as contas. Por vontade própria? Não!

Apenas porque não conseguiria aumentar os impostos sem a justificação de uma crise nacional, nem consegue que lhe emprestem mais dinheiro nos mercados. E como o faz? Tornando-se austero na sua despesa? Não! Antes impondo austeridade no consumo dos cidadãos e no investimento das empresas através do aumento dos impostos directos e indirectos para além do que a competitividade dos agentes económicos permite e do que a sobrevivência das populações consente. E é este o vício público: para manter o nível da sua despesa o Estado rouba os cidadãos. Rouba? Sim pelo menos segundo o critério clássico chinês de que uma taxa até 10% é um imposto e acima disso é um roubo.